A COMPLEXIDADE DA VINCULAÇÃO AFETIVA HUMANA: REFLEXÕES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA ETOLOGIA

Vera Silvia Raad Bussab

Ao puxar o fio da meada da vinculação afetiva, como seria de se esperar, logo nos vemos envolvidos numa intrincada rede de eventos que engloba todos os aspectos do viver humano. Devemos muito do entendimento que hoje temos sobre o apego humano, à aplicação das lentes etológicas e comparativas sobre o fenômeno.

Inspirado pelas demonstrações das predisposições naturais para a formação de ligações afetivas nas aves e nos primatas, John Bowlby, um psicanalista inglês que se dedicou ao estudo de crianças criadas em instituições, no meio do século passado, iniciou uma série de estudos que culminaram com a demonstração do apego humano como um impulso primário, e com a revelação de uma de nossas mais preciosas predisposições naturais preparação para o afeto (Bowlby, 1969/1984).

Desde então, acumularam-se décadas de pesquisas, incluindo acompanhamentos longitudinais de grande porte, trabalhos de intervenção, comparações interculturais e a consideração conjunta de variáveis adicionais, com destaque para as recentes revisões e meta-análises, que têm enfrentado o desafio de compreender a variedade dos resultados e de reavaliar a magnitude dos efeitos encontrados. Estes conjuntos de pesquisas têm servido para confirmar as bases da teoria de apego, quanto à origem e desenvolvimento do vínculo, e também para mostrar a complexidade do processo (Bussab, 2002, 2003).

Começando do começo - a estampagem

A descrição do fenômeno da estampagem funcionou como um marco heurístico no estabelecimento da Etoologia clássica (Lorenz, 1957) e ilustrou a complexidade das relações entre as predisposições naturais e o efeito da experiência. Foram expostas as tendências naturais para o desenvolvimento de vinculação filial em aves nidífugas, como pátinhos e gansinhos, com demonstrações espetaculares de predisposições biológicas. Em primeiro lugar, chamou a atenção a rapidez com que se estabelece o vínculo, e não apenas o fato de a ligação ocorrer durante as primeiras horas depois da eclosão. Outras peculiaridades complementaram o quadro: a especificidade da experiência requerida, ou seja, a oportunidade de seguir um modelo; a relativa imunidade a outros reforçamentos primários como alimento e água; o fato de punições e obstáculos produzirem um efeito inesperado de aumentar a vinculação, contrariando uma teoria de aprendizagem simples, assim como

Em:
Etoologia - Uma Perspectiva Histórica e

Tendências contemporâneas

Agnaldo Garcia, Rosanna Sumi Tokumaru

e Elizeu Batista Boteti

Ed. Multiplicidade

Pg. 73 - 83

a resistência a novas estampagens e à extinção.

Merece também um destaque a resiliência do desenvolvimento do padrão, mesmo em condições adversas, também indicava a prioridade de desenvolvimento do vínculo. No limite, apesar da existência de algumas predisposições e preferências sensoriais naturais prévias, pode ocorrer estampagem a objetos muito diversos dos naturais, tais como o próprio experimentador ou uma caixa de papelão, desde que o indivíduo tenha a oportunidade de segui-los, durante o período crítico.

Para completar, a surpresa maior estava reservada para a constatação de efeitos de longa duração da experiência inicial de vinculação dessas aves, afetando, por exemplo, a determinação da preferência sexual dos indivíduos na idade adulta: animais que tivessem se vinculado filialmente a pessoas, no lugar da fêmea mãe, também tendiam a cortejar pessoas na idade adulta, ao invés da parceira da própria espécie.

Hoje sabemos que mudanças neurais marcantes acompanham o processo de estampagem, na ocasião do seu estabelecimento: ocorrem mudanças nos neurônios, nas sinapses, e há ativações de genes específicos, acompanhadas da liberação de um neurotransmissor (GABA), que é suprimida algumas horas depois. Todo o processo se concentra no hipotálamo ventro-medial esquerdo. Lesões neste centro impedem o desenvolvimento da estampagem (Ridley, 2003). O que nos permite vislumbrar os centros nervosos especializados para a vinculação afetiva, além de nos demonstrar a complexidade de integração entre a experiência e a ação genética.

Este conjunto de características desvendou uma composição de fatores a serviço da solução de um problema ecologicamente relevante. Pode-se dizer que tínhamos, desde o estabelecimento da Etologia clássica, dados para entender que a determinação genética nasce casada com a determinação ambiental, através de uma sinfonia orquestrada reciprocamente.

Embora os estudos de estampagem com as aves nidífugas já fornecessem inspiração heurística para a compreensão do apego humano, as evidências provenientes de primatas não-humanos deram o empurrão que faltava. Nos estudos clássicos feitos por Harlow e Harlow (1962) com macacos *thesus*, também ficaram demonstradas as predisposições naturais para a formação de vinculação filial afetiva. Através da constatação da importância do contato físico aconchegante propiciado pela mãe de pano, *versus* a alimentação fornecida pela mãe de arame, pudemos aprender mais sobre a natureza do apego primata. Macaquinhos *thesus* criados com mães de panos apresentaram um desenvolvimento de vinculação filial e subsequentemente mostraram ajustes a situações novas: eram capazes de usar a mãe de pano como base de segurança e explorar progressivamente a novidade. Comportavam-se com menor emocionalidade nestas situações de desafio, quando comparados a filhotes criados em isolamento. O fato de a mãe de pano suprir algumas das necessidades no desenvolvimento emocional e afetivo desses filhotes já pode ser considerado um aproveitamento máximo de uma ma-

ternidade mínima. Ainda assim, eles apresentavam algumas dificuldades no encontro com parceiros sexuais na idade adulta. Entretanto, o oferecimento de uma experiência de 15 minutos diários com outros macaquinhos foi suficiente para permitir o desenvolvimento da sexualidade de modo adequado. Foi nesse contexto de constatação da importância adaptativa das vinculações afetivas, das predisposições naturais promotoras do vínculo, das preferências primárias, dos períodos sensíveis, dos efeitos de longo prazo e da resiliência do processo, que foram realizadas as investigações sobre o apego humano.

Apego

O vínculo do apego é persistente, individualizado, emocionalmente significativo e reflete a atração que um indivíduo tem pelo outro. Está relacionado ao desejo de manter proximidade e contato. Não se pode confundir os comportamentos de apego com o vínculo de apego. Em determinadas circunstâncias, uma criança pode exibir um comportamento de aproximação a um estranho e pode não se aproximar de sua figura de apego. Ainda assim, o padrão geral dos comportamentos, entendido no contexto, revela o vínculo.

Muitas das mais intensas emoções estão envolvidas na formação, manutenção, quebra e retomada das relações afetivas. Ameaças de perda provocam ansiedade e a própria perda, luto. A manutenção de um vínculo é uma fonte de alegria. Estas respostas afetivas nos ajudam a perceber o valor da afetividade em nossas vidas e ficam mais bem entendidas como resultantes de pressão seletiva promotora de vinculação. Todos estes pontos foram organizados por John Bowlby (1979) na formulação inicial da teoria de apego e têm sido freqüentemente retomados nos trabalhos mais recentes (por exemplo, Cassidy, 1999). Aliás, foram as intensas reações das crianças pequenas à separação involuntária dos pais, que chamaram a atenção de Bowlby para a questão do apego.

Crianças pequenas experienciam separações da figura de apego como ameaças ao seu bem estar: expressão de medo, protestos raivosos e buscas desesperadas, que vão dando lugar a expressões mais sutis de tristeza e desespero. Medo, raiva e tristeza são entendidos como respostas às ameaças de perda de disponibilidade. Estas emoções servem normalmente a funções motivacionais importantes de auto-monitoramento e de comunicação (Kobak, 1999). Acesso negado à figura de apego, ativa o medo, ou melhor dizendo, a ansiedade de separação, que aciona os comportamentos de busca que, por fim, normalmente, promovem o restabelecimento do contato, além de servir como um sinal de alerta para o outro. A raiva também ajuda a superar os obstáculos da separação involuntária e a desencorajar novas separações. A tristeza promove certa retirada e pode permitir mudanças no sistema de apego. Estas três emoções estão envolvidas nas separações involuntárias de figuras de apego de um modo geral, como exemplificado

pela separação de casais (Weiss, 1975).

Tem ficado cada vez mais evidente que poucas são as oportunidades de nossa vida isentas de tonalidade afetiva, sutil ou intensa (AdeS, 1996). Do mesmo modo, o valor adaptativo da emoção tem sido salientado. Conforme AdeS, a emoção prepara e modula o comportamento e não é apenas de quem a sente: transmite-se, suscita reações, o que talvez tenha por função primordial um certo tipo de comunicação: acredita-se hoje, recuperando crença que já tinha sido expressa por Darwin (1972), que a emoção seja basicamente adaptativa. Ela serviria como um mediador entre a estimulação externa e o comportamento, um passo evolutivo para além do puro automatismo do instinto, um modo de motivar o comportamento sem tirar-lhe a flexibilidade. A alegria permite à pessoa se orientar a partir de marcos favoráveis, a tristeza como modo de angariar apoio em situações de desamparo, e assim por diante. Apontando ainda o valor da emoção na promoção do engajamento e envolvimento inter individual, AdeS analisa o exemplo em que uma boa proposta de brincadeira veio acompanhada com uma comunicação afetiva entusiasmada, examinando a relação entre afetividade e interação e preferência social.

As emoções despertadas no contexto de vinculação afetiva devem ser entendidas como cumprindo uma função adaptativa complexa.

O exame funcional permite uma reavaliação da adequação das respostas emocionais. Bowlby (1973/1984) mostrou que a função do sistema de medo, assim como do sistema de apego, é proteção. É biologicamente adaptativo para a criança temer certa classe de estímulos. Bowlby descreveu indicadores naturais de perigo, ou seja, estímulos que não são necessariamente perigosos, mas que aumentam a probabilidade de perigo. Escuro e ausência da figura de apego, embora não sejam necessariamente perigosos, são considerados indicadores naturais de perigo crescente, ao menos no ambiente de adaptabilidade evolutiva. Sendo assim, considerou que a resposta de medo a estes indicadores, que é universalmente registrada, foi selecionada ao longo da evolução. Contribuiu com este raciocínio para o entendimento de que é preciso levar em conta o ambiente de adaptabilidade evolutiva, o chamado ambiente natural, para a compreensão dos processos psicológicos. Medos, que às vezes são considerados não-realistas e inadequados sob a lógica da avaliação do perigo imediato, passam a ser então compreendidos de outra maneira.

Outra contribuição heurística apresentada por Bowlby quanto a fenômenos relacionados ao medo foi a distinção entre alarme, indicador de perigo pela presença de algo ameaçador, e angústia, indicador de perigo pela ausência da figura de apego. As interligações entre alarme e angústia reveladas são ainda mais interessantes. A presença de um estímulo alarmante de sensação não só alarme e afastamento do estímulo ameaçador, como também busca da figura de apego. Por sua vez, o afastamento ou a ausência da figura de apego, involuntário em relação ao sujeito em questão, produz

angústia, o que ativa o sistema de apego e de busca, mas, ao mesmo tempo, potencia a reação a estímulos alarmantes. Na ausência de figuras de apego, ficamos mais temerosos. A disponibilidade e acessibilidade da figura de apego afetam a susceptibilidade de uma criança ao medo (alarme).

A disponibilidade deve ser também entendida de modo complexo. Não se trata apenas da presença ou ausência da figura de apego, mas também de aspectos psicológicos da disponibilidade, como refletidos no tipo de comunicação e na expectativa de responsividade. Para Kobak (1999), estes aspectos desempenham um papel crítico. Para dar um exemplo de comunicação, eventos disruptivos podem ser percebidos como menos ameaçadores no caso de comunicação aberta. Uma expressão de raiva do pai pode produzir reação menos disruptiva se for acompanhada de explicação que dê à criança a noção exata da causa da raiva. Uma raiva genérica tem mais chance de ser compreendida como rejeição. Estes pontos serão retomados no tópico sobre desenvolvimento de estilos de apego.

Retornando ao alarme e à angústia, Bowlby evidencia a existência destes dois sistemas em separado, com as demonstrações de possibilidade de conflito entre eles. Às vezes, o estímulo ameaçador está entre a criança e a mãe sendo então observáveis comportamentos típicos de conflito motivacional: nestes casos a criança hesita em se afastar da ameaça, podendo até aproximar-se, na tentativa de alcançar a mãe. Caso especial ocorre quando a figura de apego é ao mesmo tempo ameaçadora. Crianças expostas a abuso vivem um dilema deste tipo.

Uma criança procura sua figura de apego quando está cansada, com fome, alarmada ou incerta quanto à presença da mesma; assim que a encontra, mantém a proximidade e se deixa cuidar. Por sua vez, procura um companheiro de brincadeira quando está bem e confiante e engaja-se em brincadeira com as do sistema de apego da criança. Quando a criança se afasta, a mãe a chama. Quando a mãe se afasta, é a criança quem o faz. A presença atenta da mãe libera a criança para a exploração de áreas maiores em um parque. A mera distração da mãe com uma revista, em laboratório, diminui a qualidade da exploração do bebê (Sorce & Emde, 1996). Nem sempre mães e crianças concordam quanto à distância aceitável. O sistema de medo da mãe pode ser ativado e levá-la a recolher o filho impedindo uma atividade exploratória confortável e estimulante para ele. Por sua vez, solicitada, a mãe pode ou não atender o filho (Tivers, 1974), levada por outras solicitações. A ativação do sistema de cuidados tem implicações cruciais para as crianças, a ponto de terem sido selecionadas características comportamentais promotoras destes cuidados. Na criança o sistema de medo ativa o de apego, no adulto ativa o de cuidado. Grandes emoções também estão associadas a este sistema: alegria e ansiedade. Também resultante de pressões seletivas. Pais tranquilizam a criança, mesmo na ausência de perigo real, o que pode facilitar a monitoração de perigos potenciais e reais dos pais para as crianças.

Preparações biológicas do desenvolvimento humano

As ligações das chamadas preparações biológicas com os efeitos da experiência no desenvolvimento humano vem sendo cada vez mais entendidas e reveladas. Este processo de investigação e de entendimento vem sendo guiado por inspirações comparativas, como a exemplificada na pesquisa do apego, por estudos minuciosos de desenvolvimento, por estudos interculturais, pela composição de estudos dos processos psicológicos via comportamento, com indicadores do funcionamento genético, das neurociências e assim por diante. E principalmente por observação sistemática cuidadosa em ambiente natural. Pode-se dizer que houve uma verdadeira revolução no conhecimento que temos dos bebês nas últimas décadas, gerada por desenvolvimentos metodológicos simples e engenhosos: olhar os sinais que os bebês oferecem: prestar atenção, estranhar, imitar, dar sinais de prazer e de desprazer. O que não sabíamos até então chega a ser espetacular e demonstrativo.

Recém nascidos revelam uma sintonia social particularmente bem desenvolvida. Um fenômeno que tem sido muito destacado ilustra esta sintonia. Logo depois de nascer os bebês são capazes de igualar expressões faciais. Desde as demonstrações feitas por Melzoff e Moore (1977) este fenômeno tem sido reiteradamente investigado. Os bebês não apenas enxergam. Podem igualar, sem ensaio e sem espelho, a expressão observada, de um modo que não seria de se esperar pela maioria das teorias de desenvolvimento vigentes na época da demonstração. Mais do que isto, o exame das fotos de imitação de expressões de emoção documentadas por Field e colaboradores (1984) sugere uma expressão genuína e um tipo de contágio.

Outras características presentes no desenvolvimento inicial mostram que o recém nascido humano é ultra-social. Reage aos estímulos provenientes de um adulto afetuosos de maneira própria. Com poucas semanas, os bebês sorriem preferencialmente à voz afetuosos e ao olhar dirigido, o que revela a natureza e a funcionalidade da expressão. Nasce envolvido num processo de reconhecimento individual pleno: exhibe nos primeiros dias preferência pela voz e pelo odor da mãe. Regula-se reciprocamente aos sinais interacionais. Fala-se na existência de uma intersubjetividade primária, uma comunhão de sentimentos, reconhecível através de uma protoconversa. Diferentes pesquisadores, com diferentes ênfases, ora afetiva, ora cognitiva, têm reconhecido nesta capacidade de intersubjetividade nossa preparação biológica mais poderosa.

Os estudos de desenvolvimento de apego mostraram que a vinculação afetiva se desenvolve no contexto interacional e lúdico: são essenciais as trocas ajustadas em resposta aos sinais da criança, e não a satisfação de outras necessidades primárias. As observações reiteram esta indicação. De fato, os ajustes interacionais recíprocos são evidentes e envolvem emoções. A documentação realizada por Eibl-Eibesfeldt (1989) das interações em diferentes culturas mostra com clareza as emoções envolvidas nas tentativas de estabe-

lecimento de contato com parceiros adultos: sorrisos, expressões de tristeza, de raiva de interesse genuíno. As crianças reagem a quebras interacionais. Murray e Trevarthen (1985), por exemplo, mostraram as reações das crianças envolvidas em interações com a mãe, que, a um sinal do experimentador, fica com a face neutra e mantém o contato de olhar: param de sorrir, tentam chamar a atenção da mãe, mostram desconforto com a ausência de resposta, desviam o olhar, e se auto-manipulam.

Apego e sensibilidade materna

Em revisão de dados sobre o assunto, Belsky (1999) considera que haja pouca dúvida sobre o papel da contribuição do cuidador no estabelecimento do padrão de segurança do apego, ainda que os dados não sejam uniformes. Avaliações da sensibilidade materna durante o primeiro ano estão ligadas à segurança medida pelo teste *Strange Situation*, desenvolvido por Ainsworth, para avaliar o tipo de apego de crianças de cerca de doze meses em situação de reunião e afastamento da mãe na presença de um estranho, em amostras de famílias de classe média americana (desde Ainsworth et al, 1978 até Teti, Gelfand, Messinger e Isabella, 1995), canadenses (Pederson & Morzen, 1996), alemãs (Grossman, Grossman, Spangler, Suess & Lunzer, 1985), assim como de famílias economicamente prejudicadas ou famílias unilaterais (por exemplo, Krupka, Moran & Pederson, 1996). A segurança está associada à estimulação apropriada e moderada (ex. Feldestein, Crown, Beebe & Jaffe, 1995), à sincronia interacional (Isabella & Belsky, 1991), à calorosidade e ao envolvimento (O'Connor, Sigam & Kasasi, 1992). Apego evitador está correlacionado a uma estimulação excessiva e intrusiva, e a determinados estilos de controle interacionais: Apego resistente está relacionado a um cuidador pouco envolvido e pouco responsivo (desde Belsky et al, 1984 e Isabella et al 1989, até Yondra, Shaw & Kevinides, 1995).

Demonstrações deste porte podem funcionar como armadilhas. Permitem uma compreensão do curso do desenvolvimento, com respaldo num conjunto diversificado de demonstrações. Porém, dão margem a um exagero. Como de fato aconteceu, houve uma super estimativa sobre a contribuição do tipo de interação com o cuidador principal na determinação do desenvolvimento subsequente, mediado pelo estilo de apego.

Neste momento de amadurecimento da área, estas tendências vão sendo corrigidas. Belsky (1999), por exemplo, avalia que o efeito do cuidador não é tão forte quanto se acreditou. Meta-análises têm contribuído para a integração dos conhecimentos gerados pelos diversos trabalhos: de Wolff e van Ijzendoor (1997), reunindo 66 investigações, e 4176 crianças, encontraram um efeito da ordem de 0,17 entre as medidas de cuidados maternos e segurança de apego, que aumentou para 0,22, quando examinaram apenas estudos sobre sensibilidade materna. Como estes autores comentaram, mesmo uma correlação fraca pode indicar um mecanismo causal poderoso: pode-se falar em confirmação do núcleo da proposta de Ainsworth, embo-

ra este fator não seja um determinante exclusivo.

Demonstração mais decisiva do efeito da responsividade materna no tipo de vínculo subsequente provem de resultados de meta-análise sobre estudos de intervenção (van Ijzendoorn, Juffer, e Duyvesteyn, 1995), que evidenciaram a efetividade das intervenções no aumento da sensibilidade materna e no aumento correspondente do desenvolvimento de apego seguro. Estes resultados estendem os achados de estudos correlacionais, documentando um efeito causal genuíno dos cuidados maternos no apego. Tais intervenções poderiam estar funcionando de maneira análoga ao apoio social, que também tende a produzir este tipo de efeito. Seja como for, parece que em ambos os casos o efeito estaria sendo mediado por um aumento da sensibilidade materna na interação.

Estudos de acompanhamento longitudinal, característicos desta área, têm oferecido cada vez mais elementos para a compreensão da complexidade do desenvolvimento. O conceito de sensibilidade materna abriu um campo de pesquisa heurístico quanto à compreensão da origem das diferenças na qualidade do apego formado no final do primeiro ano.

Grossmann e Grossmann (1993) realizaram estudos longitudinais no norte e no sul da Alemanha, a partir, respectivamente, de 1976 e 1980. Fizem observações na casa das crianças, com foco na sensibilidade materna, nos registros das vocalizações mãe-criança e dos tipos de comunicações de emoções, durante o primeiro ano. As observações sistemáticas realizadas na casa das crianças mostraram que filhos de mães sensíveis respondem mais positivamente ao contato corporal, mas também mostram menos perturbação no final do contato. Seguem a mãe na saída, mas choram menos aos 2, 6 e 10 meses assim como vocalizam mais alegremente aos 6 e 10 meses, do que os filhos de mães menos sensíveis. A sensibilidade das mães se refletiu em comportamentos específicos: colo afetuoso, contatos não abruptos e menos restritos às rotinas de cuidados, dedicação maior ao bebê no retorno, e especialmente, em pronta reação ao choro. A voz é mais afetuosa e há mais respostas à vocalização do bebê. Analisaram depois o comportamento de 196 diádes, em teste *Strange Situation*, em que são observadas, de modo padronizado, as interações mãe-bebê, enquanto estão sós, depois com a chegada de um experimentador e as reações do bebê à saída da mãe e ao seu retorno. Dependendo dos tipos de reação apresentados, as crianças são classificadas como seguras, evitativas ou ansiosas. Apego seguro no final do primeiro ano se correlacionou com a sensibilidade materna observada em casa ao longo do primeiro ano, especialmente quanto às medidas feitas aos 2 e 6 meses.

Peculiaridades psicológicas conforme estilos de apego

Foram encontradas diferenças qualitativas nos estilos de comunicação de emoções em função do padrão de apego, resultado que vem se repetindo na literatura. Nas diádes seguras houve mais comunicação aberta de

emoções. Os evitadores apresentaram estratégia de negar sentimentos negativos eliciados pela separação.

Resultados deste tipo têm levado à concepção de que as expressões verbais e não verbais, os sinais e comunicações, podem ser considerados indicadores de diferenças relacionadas a apego na organização das respostas comportamentais e emocionais dos indivíduos nas diferentes fases da vida (Grossman, 1989). A pesquisa de apego focaliza o valor adaptativo de estratégias individuais, ou seja, como o indivíduo integra seus recursos sociais e pessoais para enfrentar os desafios e manter sua integridade. A característica designada coerência indica a qualidade da integração de emoções contraditórias, a capacidade de disponibilizar a informação emocional pela comunicação aberta e usá-la para sua saúde emocional.

Estes autores investigaram também comunicação emocional, interação em brincadeiras e empatia, relacionadas aos padrões de apego a cada um dos pais e à qualidade comunicativa da diáde na *Strange situation*, numa sessão de brincadeira com os pais e numa sessão de resposta emocional com um palhaço, aos 18 meses. No caso de apego evitador, quanto mais a criança ficava alterada emocionalmente pela separação, menos se comunicava diretamente com os pais, o que diminuía a chance de alívio dos efeitos da separação na ocasião do reencontro. A possibilidade de uma potencial ação reparadora dos pais também ficava diminuída pela falta de comunicação. O oposto ocorreu com as seguras: quanto mais perturbadas, mais se dirigiram abertamente e mais obtiveram conforto. Trocas afetivas abertas dependem mais do tipo de relacionamento do que da competência da criança.

Nas sessões de brincadeira, as crianças seguras apresentaram comunicações mais sutis e vocalizações suaves; as crianças inseguras iniciaram mais interações pela apresentação de um brinquedo e com vocalizações mais altas.

Um dos resultados merece destaque especial. Nas diádes com apego seguro, observou-se que se as crianças estivessem brincando interessadas, os pais tendiam a permanecer à distância, observando. Se desinteressadas, os pais se aproximavam e ofereciam alternativas, o que normalmente era seguido por mais interesse da criança. Padrão oposto ocorreu no caso do apego evitativo: pais permaneciam distantes no interesse baixo da criança e interferiam no alto. Tais interferências resultavam em cessação abrupta do envolvimento da criança ou em gestos de incerteza da criança. Poucos casos de apego inseguro ambivalente não permitiram análise.

A reação ao palhaço foi afetada pela qualidade do apego ao pai ou à mãe, aquele que estivesse presente na situação. Crianças seguras refletiram mais o humor do palhaço.

Em resumo, crianças seguras com um ano tiveram mais suporte para atividades independentes, comunicaram-se mais abertamente, especialmente quando estressadas, e foram mais simpáticas com as mudanças de emoções de um novo adulto que brinca com elas.

Implicações da teoria de apego para práticas de atendimento, cuidado e educação de crianças

A teoria de apego salienta a importância da responsividade sensível e da continuidade nas relações com os cuidadores, nos sucessivos ambientes de desenvolvimento. Destaca a necessidade de base biológica de desenvolvimento de relações sociais e o desenvolvimento de vínculos seletivos, como servindo ao propósito de prover segurança emocional e proteção contra estresse. Mostra que a ansiedade aumenta os comportamentos de apego e de busca de base de segurança, ao mesmo tempo em que diminui exploração, complexidade às vezes negligenciada (Rutter & O'Connor, 1999). Acarreta, portanto, implicações para aspectos mais amplos da teoria de desenvolvimento, da psicopatologia, e do planejamento de ambientes de criação.

Uma das primeiras implicações dos trabalhos de Bowlby, foi chamar a atenção para o risco da falta de cuidados personalizados em instituições que abrigam crianças. Ápatia e perda de interesse foram reconhecidas como resultados danosos, o que levou a mudanças nos padrões de atendimento hospitalar e de creches. Por exemplo, visitas não são mais restritas, pais são incentivados a participar. Preparações prévias para hospitalização tornaram-se mais comuns. Embora nem sempre seja assim, a teoria suscita responsabilidade crescente pelo cuidado geral. Apesar de tudo, pode-se dizer que houve revolução nos atendimentos hospitalares, na comparação da década de 50 com a de 90. A preocupação com orfanatos também aumentou; ou pelo menos substituiu uma crença ingênua nos orfanatos como soluções simples para casos de abandono ou dificuldades de criação (Rutter & O'Connor, 1999). Ainda assim, contato fragmentado e rotativo com cuidadores parece ser a regra, em instituições do tipo orfanato. Apesar de o risco de perder um relacionamento não ser maior do que o de não estabelecer um as dificuldades continuam. Não é simples substituir o arranjo natural de cuidados representado pela família.

As separações promovidas pela nova forma de criação das cidades contemporâneas, representada pelas creches e escolinhas, não se revelaram danosas. Por outro lado, a importância do novo contexto sócio afetivo ainda não está completamente bem entendida. Ponto comentado por Rutter e O'Connor que também merece destaque: o risco de infâncias prematuras e aplicações inadequadas, se a extrapolção não for acompanhada de pesquisa sistemática. Em nome do que se sabe até agora, o melhor é continuar pesquisando.

Considerações sobre determinação genética, ambiente natural e função

A seleção natural opera no sentido de produzir indivíduos capazes de se desenvolver e de selecionar entre cursos alternativos de ação para enfrentar

os desafios de seu ambiente. Atua sobre comportamentos ou sobre suas consequências afetando assim os mecanismos ou as propensões das quais este comportamento depende. Uma dada propensão comportamental pode afetar vários comportamentos, e cada efeito depende de fatores ambientais e experienciais. Pode-se então dizer que a seleção natural modula propensões que originam comportamentos biologicamente adaptativos de modo genético, no ambiente de adaptabilidade evolutiva.

Esta discussão tem implicações importantes, não só para que se compreendam os efeitos de mudanças no ambiente produzindo alterações na adaptação. Mas também para que se perceba que a complexidade de desenvolvimento pode permitir que a propensão atue de diversas formas, mesmo no chamado ambiente de adaptabilidade evolucionária (Hinde & Stevenson-Hinde, 1993).

Estes autores exploram alguns pontos das questões envolvidas com o acréscimo do nível da função adaptativa. Ambientes contemporâneos podem estar mais ou menos aproximados de nosso ambiente de adaptabilidade evolutiva. Algumas de nossas propensões podem ter perdido a funcionalidade ancestral. Ansiedade de separação funciona mal num sistema de criação que envolve creches. As relações entre as propensões dos bebês e o desenvolvimento do adulto podem ser diferentes agora do que em nosso ambiente de adaptabilidade evolutiva. Lá é provável que as famílias permassem nas proximidades todo o tempo. Agora, os efeitos intervinientes são mais variados. Por fim, princípios operando fora da dimensão na qual a seleção atuou podem ser diferentes. Em caso de privação severa de experiências familiares poderiam ser ativados outros princípios operacionais. Pelas razões acima apontadas, os autores consideram inadequado qualquer raciocínio do tipo determinado tipo de relacionamento ser preferível a outro por ser natural.

Embora ajudem na compreensão da natureza das propensões comportamentais humanas, estes raciocínios funcionais dizem apenas respeito a causas remotas. Entretanto, iluminam o caminho do entendimento do fenômeno, nos levando a enfocar numa rede de possibilidades funcionais, de curto e de mais longo prazo. Mostra complexidades: o que parece ajustado de um ângulo, pode se mostrar menos adequado de outro, e vice versa. Acima de tudo, é um raciocínio que nos obriga a desconfiar da lógica simplificada que muitas vezes usamos para apontar a razão das coisas.